

G-7 discute sem decidir nada

MOÍSES RABINOVICI
Correspondente

WASHINGTON — A reunião dos sete países mais ricos do mundo sobre a dívida dos países mais endividados foi concluída sem uma decisão, como anunciou o ministro de Finanças do Japão, Tatsuo Murayama.

O uso do Banco Mundial e do FMI em alguma nova estratégia de redução da dívida "não foi discutido", afirmou um funcionário do governo norte-americano. "Não há planos para usar dinheiro público num socorro aos países endividados", disse o funcionário.

O ministro Murayama contou, numa rápida entrevista coletiva, que "várias idéias foram revistas, algumas similares ao Plano Baker, o Plano Miyazawa, O Plano Mitterrand, e também várias novas propostas que

os modificam. A conclusão é que precisamos continuar discutindo, sem uma decisão".

A reunião dos ministros de Finanças e chefes dos bancos centrais dos Estados Unidos, Japão, Inglaterra, Alemanha, Itália, Canadá e França, interrompida por alguns momentos pela inesperada visita do primeiro-ministro japonês e do secretário de Estado James Baker, revelou mais definição e concordância em outras questões:

"Concluímos que a perspectiva econômica mundial é positiva", informou o ministro Murayama. "E decidimos continuar a coordenação nas operações de taxa de câmbio", acrescentou.

Ao sair da reunião do Grupo dos 7, o ministro canadense, Michael Wilson, resumiu o dia de trabalho, de 9 às 16 horas, com duas frases curtas: "Reafirma-

04 FEV 1989

mos a promessa de cooperação em câmbio estrangeiro. E não decidimos nada que altere a estratégia da dívida".

O ministro Murayama foi vago também em relação ao dólar e a inflação, indicando que seus níveis atuais são satisfatórios. Só se revelou específico em relação ao déficit norte-americano: "O ministro Nicholas Brady prometeu que vai reduzi-lo". O ministro francês, Pierre Beregovoy, considerou esta promessa "muito importante". "Até outubro", ele acrescentou, "o governo norte-americano vai tentar cortar cerca de 60 bilhões de dólares de seu déficit".

Um repórter perguntou ao ministro Murayama se a dívida mundial será revista na próxima visita do presidente Bush ao Japão.

— Claro que não —, ele res-

pondeu secamente, provocando risos.

— As declarações sobre a dívida feitas pelo presidente da Venezuela, em seu discurso de posse, foram analisadas pelos sete mais ricos do mundo?

— Isso não foi discutido —, disse Murayama.

Ele aproveitou para esclarecer que os ministros trataram da dívida dos países em desenvolvimento mais endividados, e não da dívida geral do Terceiro Mundo.

O Japão e a França apresentaram planos parecidos de redução da dívida, com a criação de uma instituição para a compra da dívida ao preço do mercado secundário, com descontos de até 60%, com uma diferença: o Plano Miyazawa envolve um fundo dos países devedores, enquanto o Plano Mitterrand, um fundo dos países credores.